

POETISAS MARANHENSES CONTEMPORÂNEAS¹

Dinacy Mendonça Corrêa²

Anderson Roberto Corrêa Pinto³

Um olhar sobre a poesia maranhense contemporânea de autoria feminina, aqui entendida como a safra poética das últimas décadas do século 20 próximo passado, a partir dos anos 80, ora representada nas poetisas circunstancial e oportunamente elencadas: Laura Amélia Damous, Dilercy Adler, Rita de Cássia Oliveira, Rosemary Rego, Geanne Fiddan, Andréa Leite Costa e Henriqueta Evangeline.

Palavras-chave: lirismo; metalinguagem; intertextualidade.

Um regard sur la poésie contemporaine du Maranhão, produite par des femmes, ici entendue comme la récolte poétique des dernières décennies du XXème siècle, représentée, au moment, par des poetesses choisies, dans cette opportunité: Laura Amélia Damous, Dilercy Adler, Rita de Cássia Oliveira, Rosemary Rego, Geanne Fiddan, Andréa Leite Costa, Henriqueta Evangeline.

Mots-clé: lyrisme; métalangage; intertextualité.

Não podemos olvidar que, no transcurso da história da humanidade, a mulher, como partícipe de um processo de construção do homem e do mundo, em suas atividades, incluindo a literatura, veio sendo relegada a um segundo plano. Nossa cultura androcêntrica nunca viu com bons olhos a liberdade de expressão feminina, de modo que a mulher veio a introduzir-se na literatura oficial muito tardiamente (a partir do século XVII) e ainda com algumas restrições. Felizmente, esse cenário foi mudando e hoje ela (a mulher) vêm assumindo com dignidade o seu meritório lugar na sociedade. Aqui no Maranhão, não se fez diferente. E é de se constatar que a nossa Literatura tem-se revelado em sua magnitude, seja em nível local ou nacional, por vezes, até mesmo universal, sendo-lhe incontestemente a presença feminina e na excelência e peculiaridade de sua dicção, sobretudo nestes últimos anos. Não obstante... a cortina de silêncio, ainda a envolver esse potencial significativo das nossas Letras, numa invisibilidade, que furta, às nossas literatas, o devido e merecido (re)conhecimento e a consequente popularidade, mesmo na terra natal. No século XX, por exemplo, pudemos observar um aflorar constante e considerável de mulheres escritoras, aqui em nosso Estado. Nomes como Lucy Teixeira, Conceição Aboud, Dagmar Desterro, Arlete Nogueira, Virgínia Rayol, Roselane Murad Col Debelle, Aurora da Graça, Vanda Cristina, Laura Amélia Damous, Lenita Estrela de Sá, Maria Marta, Rita de Cássia Oliveira, Lúcia Santos, Dilercy Adler, Sônia Almeida, Rosemary Rego, Geane Lima Fiddan, Silvana Meneses, Sandra Regina

¹ - Condensação/adaptação de "Teares da Literatura Maranhense: poetisas contemporâneas". Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica BIC-Uema/Fapema-2008/09 de Anderson Roberto Corrêa Pinto, bolsista/orientando da Professora Dinacy Mendonça Corrêa (Projeto TEARES DA LITERATURA MARANHENSE..Núcleo de Estudos Lingüísticos e Literários. Curso de Letras/Cecen/Uema.

² - Professora da Universidade Estadual do Maranhão (Uema). Mestre em Letras-UFRJ/2002.

³ - Graduado em Letras-Uema/2009.

Alves Santos, Joelma Corrêa, Márcia Gad~enia serra Mota, Jorgeane Braga, Judith Coelho, Raimunda Santos, Goreth Pereira, Henriqueta Evangeline... entre tantos outros, foram surgindo e integrando a nossa antologia poética, compondo o acervo da nossa produção literária, numa variedade de estilos e talentos individuais.

O que se segue pode não constituir um trabalho denso e extenso, revestido de análises aprofundadas, mas propõe-se, através das autoras circunstancial e oportunamente elencadas, a uma pequenina mostra do nosso aqui/agora poético, à guisa de conhecimento e difusão desse importante seguimento da nossa cultura e arte literária, ainda deveras proscrito da nossa realidade (e/ou mesmo relegado ao esquecimento)... Às poetisas maranhenses, pois...

LAURA AMÉLIA DAMOUS

A obra poética de Laura Amélia Damous (Turiçu/10.04.1945) insere-se no atual panorama da literatura maranhense. Poetisa de fina sensibilidade, conteúdos exóticos e levemente voluptuosos, faz sua estréia literária com *Brevíssima Canção do Amor Constante* em 1985 – ano em que assume a direção do Teatro Arthur Azevedo. Seguem-se: *Arco do Tempo* (1987); *Traje de Luzes* (1993); *Cimitarra* (2001); *Arabescos* (2010).

Presença literária sempre marcante nos eventos socioculturais maranhenses, Laura Amélia tem assumido cargos nos órgãos culturais do Estado, como Assessora Cultural da SECMA (Secretária de Cultura do Estado, 1987-89) – gestão em que, a propósito, funda o anexo da Biblioteca Pública Benedito Leite, para jovens, e o Centro de Criatividade Odylo Costa, filho e mantém a *Colunarte* (jornalismo literário).

Considerada por muitos dos nossos intelectuais, leitores e avaliadores de sua obra, a nossa Emily Dickinson e comparada a Cecília Meireles, a poetisa cunha os seus poemas numa singularidade muito própria de quem, no uso de poucas palavras, mas em “expressão plenamente poética” e num “ritmo espontâneo do verso”, consegue revelar um mundo... “pelo espraiamento do verso afetivo da linguagem” que, “em muitos momentos se inclina para o sugestivo, sobretudo por esse jeito de começar o poema como quem conclui, reduzindo-o à idéia final” (LYRA, apud ASSIS BRASIL. *A Poesia Maranhense no século XX – Antologia* – Rio de Janeiro: Imago, 1994, p.267).

Laura Amélia busca referências em grandes autores da Literatura. Sua obra dialoga com obras de outros autores, como Federico Garcia Lorca, Cecília Meireles, Rainer Maria Rilke, Emily Dickinson... Para o poeta Nauro Machado (2001, p. XIX), “seus versos pressupõem um conhecimento *a priori* da temporalidade a que se reduz a coisificação presentificável do que hoje somos, pois o passado nos convoca o ser para as prerrogativas antecipadoras do que foi”. E ei-lo que acrescenta (*id. ibid.*), na sua autoridade de poeta maior:

O caminho por onde o texto conduz Laura Amélia Damous é este e, daí pra frente, é ele que cria o poeta em suas várias vertentes de conversa e diálogos com outros textos, leitores, estudiosos, ensaístas e críticos [...]. Daí porque nenhum poeta tem significado sozinho em si mesmo e em seu tempo, porque todo poeta, verdadeiramente poeta, é um resultado ou soma dos poetas que absorveu, dos poetas que transitaram e/ou transitam por entre seus textos através de releituras ou recriações.

Adepta dos poemas curtos, dos versos livres, expressos, estes, num perfeito raciocínio, rigor e controle na concisão, Laura Amélia não faz economia de palavras, como bem o diz o escritor e acadêmico, Dr. *Honoris Causa* (Uema), Jomar Moraes, uma vez que “ao poeta não se prescreve a avareza verbal”. A propósito, ainda Nauro Machado, a categorizar os poemas lauramelianos como “conhecimento intuído”, “desvelamento da realidade”, e “autocontemplada expectativa verbal” – na expressão de um lirismo que não se restringe a “um simples sistema sígnico característico de uma pseudo-modernidade preñe de velharias descartáveis”, como o demonstram os exemplares que se seguem, colhidos de *Cimitarra*.

Ofício

*A palavra
floresce e
sangra
o fruto
das
mãos* (2001, p.43)

Inspiração

*A branca luz do papel
destila suor feito ímã
o poema se impõe
e gruda
na pele do poeta* (2001, p.48)

Poema de última viagem

*Outra vez mais te trago
à superfície
da imprecisa linha
onde se alinha
a sina
a sorte*

*Outra vez
não mais
a alma viaja
e náufraga* (2001, p.50)

Nos três poemas em leitura, vemos que a metalinguagem (expressa nos jogos de palavra, metáforas e outras figuras, que anteparam as reflexões sobre o fazer poético) é ponto e contraponto no processo de criação literária, na montagem das pequeninas jóias lírico/verbais... E algo de muito especial, na obra desta poetisa, é a intertextualidade, manifesta em plano semântico, sobretudo nos títulos dos poemas – títulos estes, fundamentais na compreensão e interpretação do texto, pela transtextualidade, as conexões com obras da literatura universal ou referências a personalidades de importância para a sociedade humana, os personagens de clássicos literários, entre outros. Como exemplo, *As 2555 noites de Turiaçu; Xerazade; Hamlet; À Humana Comédia; Galileu; Fim de Tarde com Van Gogh; Julieta; A cigarra e a formiga...* Títulos que condensam a idéia do poema, em si, renunciando o que será trabalhado no texto, como observa Nauro Machado.

João e Maria

Ainda que eu pudesse fazer

de cada estrela

uma pedra guia

ainda assim

não encontraria o caminho

que me levaria de volta (DAMOUS, 2001, p.117)

Julieta

Agora, que só te posso ver quando

adormeço

penso, às vezes, te despedes de mim

até nos sonhos

Ansiosa desse encontro busco o sono

leve carícia na minha alma insone.

Adormeço, de vez, eu te prometo

se me asseguras um eterno encontro (Ibid., p.134)

A autora faz com maestria essas releituras em seus poemas e numa linguagem simples e leve, recriando, na modernidade, histórias que remetem a outros tempos. *Em João e Maria*, por exemplo, remonta ao tradicional conto infantil. Evidentemente, em uma outra, nova abordagem, mas sem perder a linha de quem está em busca do caminho de volta. Em *Julieta*, a remetência às personagens do clássico shakesperiano, na atmosfera noturna do poema, o “adormecer de vez”, mais que uma promessa (condicionada a uma outra promessa) é proposta de compromisso mútuo de amor eterno, para além da transitoriedade desta vida... Continuemos com a poetisa:

Herança

Minha avó Amélia que

tinha as orelhas rasgadas

pelo peso do ouro

me deixou um tesouro:

não carregue mais

do que a frágil carne suporta (2001, p.62)

Oferenda

Venho te oferecer meu coração

como o cansaço se oferece aos amantes

o suor aos corpos exaustos

depois de definitivo abraço

Venho te oferecer meu coração

como a lua se oferece à noite

e o vento à tempestade

Venho te oferecer meu coração

como o peixe se oferece à captura

no engano do anzol (Ibid., p.107)

O lirismo delicado que caracteriza a poesia desta maranhense entra em sintonia com natureza (noite, lua, dia, sol, estrela, mar, vento, etc.) o infinito, em imagens que vão compondo uma atmosfera de sonho e fuga. Recorrendo a formas poéticas simples, sem métrica regular estabelecida, a poetisa desenvolve temas como o amor, a transitoriedade das coisas, da vida... a fugacidade do tempo... Em *Herança*, o eu lírico deixa claro os ensinamentos do velho “Crhonos”, na recordação da avó experiente, carregada de aprendizagens e sabedorias, a advertir para a irrelevância do material, do supérfluo... Em *Oferenda*, é pela comparação que aflora o lirismo que se derrama na oferenda de um coração inteiramente disponível e entregue ao Amor.

DILERCY ADLER

Dilercy Adler (São Vicente de Férrer/07.07.1950) Graduada em Psicologia, professora universitária (Ceuma e UFMA, pela qual é aposentada), Mestre em Educação e Doutora em Ciências Pedagógicas (ICCP-Cuba) é, atualmente, professora de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade Cândido Mendes do Maranhão (Facam).

Naturalmente voltada para a arte poética, ei-la que diz:

Em uma Antologia “A figueira” (1994), do nosso querido e grande poeta da Sociedade de Cultura Latina de Santa Catarina, Abel B. Pereira, ele solicitava aos integrantes (da antologia) que discorressem sobre a questão “porque escrevo poesia” e eu respondi [...]: “A poesia sempre se impôs à minha vida. Até a adolescência eu organizava cadernos cheios delas. Depois da Faculdade, deixei-a um “pouco de lado”. Mesmo assim ela se fazia presente. Mas, os escritos dessa época ficavam dispersos, sem lugar específico. Passados alguns anos, acho que não resisti ao seu poder de sedução e me rendi. “Crônicas & Poemas Róseos-Gris” significa [...] “reconciliação” com a poesia que, aliás, sempre foi um dos grandes amores da minha vida. (Dilercy Adler)

Agraciada com vários títulos e medalhas culturais, nacionais e internacionais, a professora/escritora é membro de entidades literárias, como: *Comissione di lettura Internazionale da Edizioni Universum Trento-Itália*, Academia Irajaense de letras e Artes – AILA (cadeira nº. 13), Academia de Letras Flor do Vale-Ipassu/São Paulo, entre outras.

Dilercy Adler tem-se destacado no cenário literário atual, não somente por sua produção, como pelo incentivo que vem dando à cultura literária local, através de edições de antologias. Dentre as atividades desse nível, foi editora do livro *Circuito de Poesia Maranhense* (1996) e organizadora da exposição fotográfica sob o mesmo nome (1995). Também organizou e participou da *I Coletânea poética da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão – Latinidade*. Hoje, é presidente da Sociedade Cultural Latina do Maranhão (SCL/MA).

Além de partícipe de muitas antologias poéticas, a maranhense tem publicados: *Crônicas & Poemas Róseos Gris* (1981), *Poematizando o Cotidiano ou Pegadas do Imaginário* (1997), *Arte Despida* (1999), *Genesis – IV Livro* (2000) e, recentemente, *Desabafos... Flores de Plástico... Libido e Licores... Liquidificadores*.

Sua poesia, em geral, é de cunho líricoamoroso, na abordagem de temas como a natureza e os sentimentos mais arrebatados, as agruras da paixão, a solidão, a saudade, o desejo, numa subjetividade e sentimentalismo exacerbados, em confidências

amorosas do eu lírico, em laivos de fantasia e imaginação, no recriar de uma nova realidade... Vejamos:

Necessidade de ti

Eu te preciso tanto

*que me dói
a tua ausência*

*eu te preciso tanto
que te queria sempre junto
e a possibilidade
de não ter-te*

*me entristece
me deprime
me enlouquece!*

*eu te preciso tanto
e no entanto sinto
que preciso
não precisar assim de ti*

*preciso sim
-urgentemente-
para manter-me
intacta e livre
desvincular-me de ti! (ADLER, 2000, p. 41)*

Embora a liberdade formal seja um marco característico em Dilercy Adler, na sua poesia faz-se recorrente de certas palavras que colaboram na construção das imagens de saudade, solidão e morte, num eu-lírico como a suspirar, sofrer, chorar, pela ausência do amor, cuja impossibilidade traz sensações pungentes e dolorosas ao coração.

Motivada pela convivência no exterior, em especial em países de língua espanhola, frases ou expressões da língua de Cervantes são frequentes nas suas composições, a partir dos títulos ou, às vezes, em poemas inteiros como em *Siempre a tus pies*, *Solo para verte*, *Desvane(ando)*, *A mi Tristán*, *La vida es solo un suspiro ahogado*, *Mulher de pedra de Chichen-Itza*.

Siempre a tus pies

*“Siempre a tus pies”
vou despir a minh’alma
acercar-me com a calma
de irrefreável desejo!*

*“Siempre a tus pies”
vou cobrir-te de estrelas
aspirar teus suspiros
um a um
com meus beijos!*

*“Siempre a tus pies”
abraçar-me-ás inteira
como a onda na areia
numa dança sem igual!*

*“Siempre a tus pies”
derramarei sem pesar
os meus dias
os meus versos
toda a minha saudade
e o meu desejo de amar! (ADLER, 2000, p.52)*

Outro tema constante, na obra de Dilercy Adler, é o arrebatamento do amor carnal, da voluptuosidade, da libido, permanente na mulher apaixonada, como o demonstra o poema a seguir, em que se observa, também, a utilização de versos irregulares e livres, irregularmente dispostos no espaço poético.

Desejos espúrios

Estranha loucura
nas ruas e becos
entranhas e luas
expostos nas vias
esdrúxula mania
de corpos e corpos
que rolam
copulam
e calam
angústia
desejos
instintos
em buscas espúrias! (ADLER, 2000, p. 32)

RITA DE CÁSSIA OLIVEIRA

Sanluisense “de nascença”, desde muito jovem Rita de Cássia, professora universitária (Ufma), graduada (Ufma), mestre e doutora em Filosofia (PUC-SP), esteve ligada à militância de esquerda, na política estudantil, quando ainda estudante de Filosofia, na política partidária e ideológica, em todos os momentos de sua consciência. Tem participado de comunidades que buscam o bem-estar social, como Centro de Cultura Negra, Grupo de Mulheres da Ilha, Comissão de Justiça e Paz, entre outros.

Muito ligada às causas da mulher e dos oprimidos, Rita de Cássia tem construído uma literatura engajada, numa certa dicção política, abordando temáticas variadas, cuidando de assuntos amorosos, sociais e, com muita determinação, dos temas relacionados à libertação feminina. Seu trabalho junto às comunidades, são relacionados com a educação e com as reivindicações da massa oprimida, o que se reflete em sua obra poética. Sobre a autora, a opinião de poetas e intelectuais maranhenses, como Ana Rita Botão, José Francisco Pestana e Lenita de Sá. Ouçamos...

A poesia hoje, embora fazendo falta, não é uma reivindicação da massa oprimida, pois a necessidade do pão é mais forte do que a da poesia. Nem por isso, deixemos de saudar e acolher a poesia de Rita de Cássia, mulher que quer descobrir caminhos para a cidadã, preservando a identidade e os caminhos da mulher. (BOTÃO, 1983, p.41)

Lúcida, limpa, desassombrada, a poesia de Rita de Cássia tem aquele tom que os grandes poetas realmente conseguem. E, infelizmente, os poetas da nova geração

ainda não conquistaram o espaço merecedor da Literatura Maranhense. (PESTANA, 1983, p.41)

Testemunha da problemática de sua época, não se inibe em questioná-la e confessa o desejo de “traçar o tempo na palma da mão”, consequência imediata de seu reconhecimento no mundo enquanto mulher. Mas, Rita de Cássia Oliveira também nos oferece poemas gerados por um lirismo gostoso e manso, próprio dos que ainda consideram a poesia uma alternativa viável. (Lenita de Sá)

Entre outras obras, a maranhense/sanluisense é autora de *(RE)Nascer Mulher* (1983) e *Poiesis* (2007), numa abordagem contundentemente feminina, a vislumbrar a mulher em seus anseios, suas relações com o repressivo mundo exterior, como servem de exemplo os dois poemas abaixo:

Renascer

*Quero despertar o bem-me-quer da História.
E cada folha amarelecida e carcomida
pela sífilis do machismo,
jogar no abismo do tempo.
E colocar não mais flores
mas raízes fincadas por mãos calorosas
e regadas não com as lágrimas
mas com o suor de quem
lutou por ser inteira.*

*E, do segredo que o século me revestiu,
quero ser berro cada vez mais forte,
mais audaz,
e sair rasgando todas as bocas amordaçadas
pelo silêncio do bem-comportado.
E não me degenerarei: serei pura.*

*Não quero ser só bandeira:
antes, serei atos na práxis de um vir-a-ser
parido em convulsões de uma nova era.
E ressurgirei inteiramente mulher! (OLIVEIRA, 1983, p.9)*

Concessão

... Se me queres,
se me queres...
aceita-me mulher.
Mulher semente,
mulher espinho,
negada pelo teu machismo,
porém refeita pelo tanto de homem
que és.

... Se me queres,
sou começo,
infinidade,
chegada.

Se me queres...
 vem,
 mas vem manso,
 morno,
 moreno...
 agasalhar-te sob as minhas asas de abelha-rainha.
 Se me queres... (*Ibid.*, p.10)

Atenta aos acontecimentos de seu tempo, ela consegue, na sua poesia, fazer ecoar o grito forte, que clama pela libertação da mulher, frente aos preconceitos e barreiras do mundo em que vive, em especial ao machismo, a que faz referência nos dois poemas em leitura.

Em *Renascer*, poemas em versos livres, a autora retrata a mulher, ao longo da evolução da sociedade humana, no vértice da repressão sofrida, aliás, não só por esta (a mulher), mas por toda uma maioria desfavorecida da sociedade. Nos versos “Quero o berro cada vez mais forte,/ mais audaz,/ e sair rasgando todas as bocas amordaçadas”, a poetisa faz transbordar toda a sua indignação, considerando o tempo precioso em que a mulher se deixou calar frente aos problemas. Ela quer gritar, esbravejar, para todos os cantos do mundo, as suas reivindicações... como num grito de fêmea subjugada, mas sedenta de liberdade. Grito de mãe protetora de sua ninhada... De mulher a defender os seus direitos e que sabe dos seus deveres. Um grito de alerta a todos os que, até então, nunca fizeram nada em favor dos oprimidos. Uma convocação, portanto, a essa causa imediata.

Em *Concessão*, a idéia de liberdade e de aceitação, por parte dessa mulher, vem como que atrelada ao sentimento, brotado e cultivado entre os gêneros diferentes. O poema bate na tecla da aquiescência da mulher em relação ao homem. Mulher renegada; aceita apenas pela metade: aquela que serve ao homem; mas rejeitada na outra metade, a da companheira. Na poesia de Rita de Cássia, o homem é metáfora de um mundo que nega a mulher, em sua plenitude, e a reduz a um mero utensílio para sua sobrevivência, não passando esta (a mulher), então, de um simples meio de reprodução (para continuação da vida) e de promoção dos gozos masculinos. A autora reflete sobre essa submissão da mulher e sobre as convenções interpostas entre esta e o homem, reivindicando o direito de ser vista no mundo como sujeito e não como objeto.

Em *Poema quase-vermelho*, ainda nos deparamos com uma poesia engajada, a partir da metaforização da esperança e dos sonhos, do desejo de ver o fim das dificuldades humanas, as mais cruciais... Vejamos:

Poema quase-vermelho

*Havia ainda uma diminuta
 esperança em vermelho
 a arder no meu peito todo
 prenhe de sonhos azuis.*

Chegaram:

*empunharam a metralhadora
 e o fuzil.
 – Mataram a flor.
 – Deceparam-me as mãos...*

*E os gritos? E os gritos
de protesto, de fome, de amor...
dilacerados, agonizados a estrebucharem
nos olhos de uma geração à mercê
de chicletes e generais.*

*Abortaram todos os m
e
u
sonhos.*

*E o poema tornou-se
enclausurado no verde. (Ibid., p.16)*

Interessante é perceber, neste poema, a simbologia das cores, marcando o sentimento do eu-lírico ante os acontecimentos. A esperança, em vermelho, é mais tarde representada pela flor assassinada pela metralhadora e o fuzil, configurando o sofrimento humano, frente às mazelas sociais que aniquilam os sonhos de construção de uma sociedade justa e igualitária. O sonho azul, de alegria e paz, dá vez ao medo, aos protestos, à violência... Sonho que morre, mas deixa a esperança viva, no poema, ainda que enclausurada no verde... como porta-voz dos desejos (ainda frustrados) de comunhão social.

Neste último poema selecionado, Rita de Cássia Oliveira, distanciando-se um pouco da tônica de sua poesia, faz vibrar a sua lira amorosa.

Acontecência (2)

*E, em novo esperar de vir-a-ser,
aconteceste no meu sentir:
matéria harmoniosamente trabalhada
a agasalhar-se entre minhas pernas em côncavo.*

*E eu te teci mansamente:
com a mesma delicadeza
das mãos a trabalhar
o linho em vestes.*

*E eu te envolvi prazerosamente:
com o mesmo frenesi do vento
a beijar a longa cabeleira
do milharal em flor.*

*E eu te comprimi dolorosamente:
com a mesma sofreguidão
das barreiras traçando o percurso
das águas em rio.*

*E fomos: um homem, uma mulher
em cio de existir, trabalhando
pacientemente o amor.*

*Fomos: uma mulher a tecer um homem;
um homem a tecer uma mulher.* (OLIVEIRA, 1983, p.31)

Como vemos, a tônica do poema é a cumplicidade na relação amorosa homem/mulher. A poetisa manifesta sua sensibilidade no que toca à valorização do sentimento mútuo entre os gêneros. O amor é apresentado como poderoso elo geminal, comparado às ações da natureza, para mostrar, não só o quanto esse sentimento se faz presente em nossas vidas, como também a recíproca necessidade entre os gêneros (masculino/feminino). Ambos (homem e mulher), na sua respectiva incompletude, necessitam um do outro. Aqui, retomamos os valores já estabelecidos anteriormente, quanto à poesia de Rita de Cássia, que confirma o desejo de pôr fim a essa “mão única” de submissão da mulher ao homem.

ROSEMARY RÊGO

Maranhense de São Luís, graduada em Letras, pela Fama (Faculdade Athenas Maranhense), militante no campo do magistério, Rosemary Rego pertencente à já convencionalizada geração de 90 (séc. 20), da Poesia Maranhense. Precocemente dedicada à criação literária, produzindo, a princípio, peças teatrais, é na Poesia que vem a ser reconhecida e apreciada, ainda na referida década, no cenário das Letras ludovicenses onde, no seu grande poder de percepção, sua admirável sensibilidade para captar e traduzir, poeticamente, o mundo, atua como produtora e grande incentivadora da arte da palavra. Em 1998, por exemplo, apresenta, na Rádio Cidade, o programa *Som da Ilha*, voltado para a literatura, constando, este, de entrevistas e recitais de poesia. Participou, também, na TVE do Maranhão, de *clips* do *Tempo de Poesias*, declamando poemas de sua autoria. Entre essas e outras atividades do gênero, vale lembrar sua participação no grupo *Poiesis* (Universidade Federal do Maranhão), nos famosos recitais *Canto & Verso*, ao lado de outros poetas, como Geane Fiddan, Bioque Mesito, Antônio Ailton. Sem falar nos Festivais – como o *Festival de Poesia Falada* (Ufma), em cuja 11ª. edição, arrebatou o primeiríssimo lugar. Em 1997, vem a integrar a *Antologia Poética Safra 90*, período em que também integra o grupo *Curare* que, como o *Poiesis*, põe em discussão a produção literária maranhense da época.

Em seu livro de estréia, *O ergástulo gozo da palavra* (2004), é fácil notar a forte inclinação da poetisa para a temática do tempo e da eternidade e sob a visível influência da teoria filosófica de Heidegger, em suas três "estruturas existenciais": afetividade, fala e entendimento, em que, na primeira, as coisas do passado chegam ao homem como valores, afetando-lhe os sentimentos, que podem ser públicos, compartilhados, e transmissíveis; na segunda, representando o presente, as coisas se traduzem em palavras da linguagem, na articulação dos seus significados; por fim, na terceira, ou entendimento, dando conta de que as coisas do futuro, onde o projeto que define o homem encontrará a morte, são valores não garantidos, gerando o sentimento de que não se está em casa neste mundo, mesmo estando-se entre as coisas que nos são familiares. São três fenômenos existenciais a circunscrever como as coisas do passado, do presente e do futuro manifestam-se, para o homem, constituindo, a unidade desses três fenômenos, a estrutura temporal que faz a existência inteligível, compreensível. Nessa linha, apreciemos, da poetisa:

Abril

Ontem flores germinavam sobre mim
O onírico prazer de esculpir a vida me transformou
no fruto do carbono.
O duro ofício de lapidar o pão carrega nas pálpebras
o abominável cansaço da alma.
Amanhã que seja cedo ou tarde sorrisos repousarão
sobre o meu cadáver. (REGO, 2004, p. 43)

Siglo

Um final de século flui no peito
XX séculos, repousa à eterna idade
O cair de folhas secas é charge
de um horizonte azul. (REGO, 2004, p.36)

Como ficou aludido, Rosemary Rego trabalha a temática do ser e o tempo, abordando questões da existência humana, suas relações e problemáticas inerentes. E assim, como que consegue transformar o ser humano em palavras. De acordo com a filosofia seguida pela autora, o homem está especialmente mediado por seu passado: o ser do homem é um "ser que caminha para a morte" e sua relação com o mundo concretiza-se a partir dos conceitos de preocupação, angústia, conhecimento e complexo de culpa. O homem deve tentar sair, fugindo de sua condição cotidiana, para atingir seu verdadeiro "eu". Como diz Bioque Mesito (2007, p. 180)

Rosemary Rêgo navega pelo cais da existência com passaporte vencido mas, em suas proposições de sentimentos, permeia a lírica do coração. Por isso, em sua poesia, em muitos momentos, ela recria, em belas imagens, os altos estágios dos grandes poetas.

E ei-lo, que ainda acrescenta:

A poesia de Rosemary Rêgo é autêntica, bela e de metaforização bem trabalhada. O minimalismo aporta em seus poemas. Em seus textos, também, afluem os aspectos sociais, pois o artista não pode fugir de suas tribuições políticas. Pelo nosso Estado, muitos poetas fogem desse compromisso e acham que escrever poemas já é tudo. (MESITO, *id. Ibid.*)

Sua arte, contudo, evidencia uma trajetória marcada por outras influências, além de Heidegger e já no campo literário, de fato, e na tonalidade de autores como Manuel Bandeira, Nauro Machado, José Chagas, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Charles Baudelaire e Augusto dos Anjos, nuances facilmente identificáveis, na sua poesia, como podemos ver em

Apologia

Ouvi baladas

Dentro da noite veloz

Estrelas da vida inteira.

A poesia

é canto geral

Masmorra Didática

Na her

me

ti

ci

da

de

da vida.

Anjos malditos

Beijam as flores do mal

O ócio desperta

os canhões

do silêncio! (REGO, 2004, p. 10)

Vale notar, porém, que além desse diálogo intertextual com os grandes poetas, Rosemary Rêgo consegue exprimir-se em versos singulares, numa linguagem muito própria e inédita, revelando um admirável senso artístico. A propósito, como é notação comum, entre os poetas, no seu discurso poético também se presentifica a metalinguagem – para ela (2007, p.180) fator de relevada importância, sobremaneira “quando o poeta está inciando na vida das letras; porém, com o tempo, o olhar deve ser mais crítico e a poesia deve ser o produto de um *mix* de coisas (imagens, crítica social, artes visuais, filosofia, etc.)”. Vejamos...

Amargo

silêncio

o poema é a meta

linguagem

do acaso

Faca decepando

o sol

de final de tarde

a rua é ócio

dor

tudo é passional

menos o poema

essência de tudo

de nada

do tempo

das cinzas. (REGO, 2004, p. 12)

GEANE LIMA FIDAN

Ao contatar-se o universo poético de Geanne Fiddan, importante é lembrar

que, a partir da Semana de Arte Moderna (São Paulo-1922), a literatura vem ganhando outros ares, digamos, realmente mais modernos, contemporâneos, distanciando-se, consideravelmente, de um fazer artístico/verbal preso às formas tradicionais de composição poética e narrativa, assim quebrando barreiras gramático-normativas e, paulatinamente, oferecendo ao público uma obra mais desafiadora, mais interessada no subjetivismo que a envolve, do que nas correntes de uma composição clássica. Ruptura que, desde Oswald e Mário de Andrade, Manuel Bandeira, passando por Carlos Drummond, Clarice Lispector, chegando aos poetas maranhenses e universais (como Manuel Bandeira, Bandeira Tribuzzi e Ferreira Gullar), trouxe, para a literatura, significativas mudanças, na tessitura linguística do discurso poético. E foram autores como esses, em especial Manuel Bandeira e Ferreira Gullar que, no quebrar de paradigmas intrínsecos à nossa literatura, influenciaram Geane Lima Fiddan, na sua criação poética, como ela mesmo o diz, em *Convite*, “... uma amizade que fiz / com Baudelaire e Bandeira”.

Geane Lima Fidan nasceu em Santa Luzia-Ma., tendo passado parte de sua infância na fazenda dos pais, em Moira, retornando à sede do município e seguindo para a capital do Estado, visando ao estudo, numa inquietação e ânsia de aprendizagem, muito própria do seu espírito desbravador, como o demonstram alguns de seus poemas como:

Santa Luzia

*percorrendo o chão de Jó
nas escaladas da calorosa cidade
um bramido chega ao topo das serras
sem sucumbir à prosternação dos ideais
o espírito rebelde
que corre dentro do sangue
ecoa além das jornadas
demolindo o marasmo
a inquietação é uma luz brava
que atravessa as léguas
tropeçando na ascensão das horas
em meio a muita agonia (FIDDAN, 2006)*

Amante da Literatura, ingressou no curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (Uema), pela qual é graduada, tendo defendido monografia de conclusão sobre João Cabral de Melo Neto (Morte e Vida Severina), obtendo nota dez, da banca examinadora. Formada, exerceu o cargo de diretora pedagógica da escola Julio de Mesquita Filho, abdicando do mesmo, para dedicar-se a sua produção literária. Atualmente, é coordenadora do Núcleo Cultural da Univima (Universidade Virtual do Maranhão) e articula-se com a *Rede de escritores*, integrando, ao lado de Antonio Ailton, Bioque Mesito, Rosemary Rêgo, César Borralho, Hagamenon de Jesus, Natinho Costa, Couto Corrêa Filho e Paulo Melo Sousa, o grupo *Poiesis*, que nasceu do projeto *Em Companhia da Poesia*, numa iniciativa desses citados escritores contemporâneos, interessados em criar uma pessoa jurídica que respondesse, sob a chancela da iniciativa pública e privada, por projetos literários de grande porte em nosso Estado, assim movimentando o panorama literário maranhense, através de recitais, encontros e rodas de leitura.

A poetisa em destaque é autora de um único livro: *Argos da Matéria*,

escrito ainda nos anos 90 e publicado em 2006, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema), da Universidade Virtual do Maranhão (Univima) e da Faculdade Atenas Maranhense (Fama). Pelos 68 poemas que enfeixam a obra, permeiam elementos da filosofia moderna, num ultrapassar de limites... da cultura regional, para a universal. Além de participações em antologias, a escritora já prepara um livro de contos e uma nova coletânea de poemas.

Com ares de peregrina⁴, Geane Fiddan transita pelo campo da subjetividade poética, imprimindo, em seus poemas, toda uma gama de sentimentos que rondam a natureza humana, pensando a relatividade da existência de cada ser, propondo-nos uma leitura atemporal da poesia, que mistura presente, passado e futuro. Sua poesia se enquadra no âmbito da novíssima poesia maranhense, aproximando-se da vertente considerada marginal. Poesia que é fruto de uma geração de poetas brasileiros que, desde os anos 60, respondem por mudanças significativas no uso da linguagem, na composição poética e que hoje mantêm estreitas relações com os códigos linguísticos e comunicativos da globalização tecnológica. Em outras palavras, a poesia de Geanne procura, acima de tudo, dar-se tal qual se faz, no trânsito da memória.

No prefácio de *Argos da Matéria*, intitulado “*E a nave vã*”, o prefaciador, poeta Antonio Ailton (FIDAN, 2006, p.12), falando da linguagem da poetisa, diz que “seu trânsito, aqui é, em primeiro lugar, diatópico, abrangendo espaços diferentes. Em segundo, diastrático, porque esse deslocamento é também social”. Pode-se dizer, pois: ante o exercício da subjetividade e da inspiração, a supremacia da normatividade gramatical, que nos rege a língua padrão, é abalada, porquanto tudo leva a crer que, em Geane Fiddan, o que mais vale é, de fato, o circuito de valores, num ambiente que mescla o urbano e o rural, o clássico e o moderno – o que vem a denotar a criatividade e sensibilidade dessa poetisa, cujas evidentes marcas linguísticas, do rural e do urbano, dialogam, em cada verso de *Argos da Matéria*, instaurando, nesse aspecto, uma universalidade que nada tem de um regionalismo romântico, excluído e/ou introspectivo, mas concretizando-se numa multiplicidade cultural vivida/imaginada pela autora, incorporando, num todo ou num âmbito maior, a cultura interiorana, nortista, do Brasil e de outras partes do mundo, sem desqualificar, preconceituosamente, o linguajar rural, desprestigiado pela norma culta, erudita, da Língua... Vejamos, por exemplo:

AO PERCORRER o exterior

Amsterdã

por dentro
eu
parada
diante das passagens ditas mais avançadas
tinha acabado de chorar na frente da
ressonância de uma cabaça

já andava cansada
de dar ouvidos aos canteiros velhos melosos
que bancam os expertos

⁴ *Ares de peregrina* é o poema de abertura do Livro *Argos da Matéria*, de Geane Lima Fiddan.

*a Nana do século incerto
porta de papéis
de vez em quando radicalizam a tranquilidade
quando encontram em mim escamas de buriti
resquícios de um ser miscigenado
que engole a dor
apresentando outras
de longe é mais fácil ver o próximo (Ibid, p. 79)*

Faz-se observável o choque de culturas no poema acima, demonstrando a íntima relação da poetisa com a cultura rural, reminiscências de uma infância no interior do Estado... a forte miscigenação que adere à modernidade, em especial de Amsterdã, onde foi escrito o poema. Note-se a inclusão de palavras e expressões como “buriti”, “passagens ditas mais avançadas”, “o exterior”... Outro ponto interessante, é a disposição dos versos na paisagem poética. Nada simétricos. Tudo muito disperso, o que traduz as constantes incertezas presentes na natureza humana. Seguindo uma linha diagonal, a organização desorganizada das palavras como que aponta para o desequilíbrio, num mundo sempre em busca de um ponto de equilíbrio no ser. Percebamos, também, as inovações da escritora, a partir do título que, como se corporifica, no plano conteudístico do poema, formando um todo, contendo, ao mesmo tempo, as suas partes independentes. De forma que, sem a leitura do título, não conseguiríamos uma compreensão total, globalizante, do próprio texto, em seu contexto. Título, despedaçado que, em suas várias possibilidades de leitura, desvela e revela sentidos e significados além do (talvez) proposto pela autora.

À poesia de Geane Fiddan ainda é possível agregar-se um certo valor nostálgico, a partir do enlace tempo/espaço, trabalhados na linguagem. Não se trata de uma “saudade” do tempo e dos lugares maravilhosos que ficaram para trás ou já perdidos, no subconsciente. O que parece mover, verdadeiramente, a intenção da autora, é o sentimento de valorização de uma cultura que ficou no passado e que, irremediavelmente, é desprezada pela “alta cultura” do novo, do moderno... Para Antonio Ailton (2008, p. 16),

em Geane Fiddan (também) é necessário admitir que, como em todo poeta, em certos momentos, é inevitável que o nostálgico, que tão bem conhecemos, apareça. Isto é natural, é humano, é memória – pessoal e poética. Da mesma forma, o lugar de quem sofre, percebe, referencia, julga ou profere, quase sempre conserva resquícios de um bicho matreiro, que faz lembrar vagamente aquela deslocada Macabéia clariceana: “descobri tiriricas em pessoas/ nas metrópoles.

Como em Rosemary Rego, em Geane Fiddan o espaço-tempo é contemplado com um olhar heideggeriano, como bem o demonstram os poemas *A sombra do* e *O mais novo dos titãs*, que flagram o presente e evocam o passado, remetendo a um futuro, o “por-vir”, como que preparando (aqui presente) o ser para o encontro com o amanhã (aí). Neste fragmento do referido poema “*não temo a mão da velhice/ ou o súbito eufemismo/ do predador da vivência/ nada é mais preciso/ no ambidestrismo/ da experiência*”, é possível intuir o homem, ser mortal, à espera do fim, sempre em contato com a natureza (Deus).

A influência de Heidegger, todavia, não é a única em Geane Lima Fiddan. Em sua escritura, são notáveis as referências a outras personalidades filosóficas ou literárias, como por exemplo, Guimarães Rosa (*Um sol vermelho de*

G. Rosa), Manuel Bandeira (*Salto Quântico* – no evocar de Pasárgada). Interessante é notar, ainda, na obra poética dessa autora, a presença do feminino e do Eros, sobretudo em se tratando da mulher como parte representativas do Outro, como o ressaltam os poemas *Consumação* e *Maria de Arribamar nas cabeceiras da mata*. O primeiro, a exalar todo o erotismo que emana da mulher; o segundo, a traduzir a força dessa mulher e o seu inconformismo com o mundo. Seguem-se os dois poemas:

Consumação

*Atravessando lagoas de metamorfoses biológicas
sem tomar conhecimento do fascínio dos garanhões
Dasdores
sem sequer ter visto as bolhas de água turquesas
o murmúrio dos golfinhos de F. de Noronha
tomou água corrosiva
as nuvens peregrinas regrediram
ao perder o senso de vista
penetraram em seu ventre
ele ejaculou as façanhas
na segunda vez que sorveu tal água
fisgada pela lascívia
foi-se
para os pés da ecosfera
imaginando
a magia
do mundo
da lua (FIDDAN, 2006, p. 35)*

Maria de Arribamar nas cabeceiras da mata

*ao passar pelas estribeiras com a jumenta Braba
rasgava barbeiro sobre as taperas
atravessava quebradas
não engolia ninharias
rasga-mortalha
comovia mas as estradas
assombrava todo o interior
pela vida afora
quando metia o fogo nas veias
“nem arriada sem reio no iscangaio
abero pra carrada de catrevage”
sua verdade era nua
porque estava vestida de coragem
mataram-na
mas ainda vive fazendo cabeças
agora mesmo observando lascas
de uma estrela inquieta
lembrei de uma dessas
sereias negras
levou minhas certezas.(Ibid, p.61)*

Em *Consumação*, é a passagem da vida da mulher, em sua relação com a lua (fim do poema), a nos reportar a esse ritmo, todo feito de sensibilidade, sonho, ideal de fecundidade, o sofrimento e a dor (metamorfose sofrida, ao longo do poema, numa apoteose de gozo e prazer). Vale destacar o arranjo das palavras e dos versos, na comunicação visual do poema, como que a sugerir um triângulo, e este, por sua vez, a remeter à genitália feminina e, por conseguinte, à feminilidade, ao erotismo...

No último poema, vê-se, como que transfigurada, no nome masculino (Ribamar) tão comum no Estado, a força da mulher, em luta pela sobrevivência, no cenário machista. Mulher que não admite o “abaixar a cabeça”, mas tenta enfrentar o mundo masculino do mesmo patamar, tornando-se, por fim, modelo de superação, fazendo ecoar os seus ideais (“mas ainda vive fazendo cabeças”).

ANDRÉA LEITE COSTA

Por entre as nossas poetisas contemporâneas, pudemos contemplar, também, aquelas que ainda estão transpondo o umbral da arte maior, como Andréa Leite Costa e Henriqueta Evangeline (na sequência) ... aquela, recém-graduada em Letras (Uema-2009), vencedora de alguns concursos literários locais e já com poemas publicados em Antologias do gênero, aqui também selecionada para representar as autoras iniciantes na Literatura Maranhense. Começemos por ela...

Como num conto de fadas, como quem se depara com um grande tesouro numa caixa de papelão... em Andréia Leite Costa, o despertar para a vida literária dá-se com a leitura do livro *Um leão em família*, de Luiz Puntel. Assim é que, conjugando o gosto da leitura aos desenhos que adora traçar, começa a armar seus primeiros diálogos, aos oito anos de idade – diálogos que, mais tarde, tomariam outras proporções, segundo as pretensões maiores da moça que decide entrar para o Curso de Letras, acreditando ter, ali, o espaço ideal para a captação da técnica, dos conceitos literários... em meio às discussões fundamentais, no aperfeiçoar, evoluir da criação poética de quem “não queria fazer poesia intuitivamente”, reconhecendo que: “se a intuição é importante, é imperiosa a disciplina”...

A jovem ainda “aprendiz de poesia”, diz não ter um autor específico, por quem tenha sido influenciada ou tomado como modelo; pelo menos, ainda não o encontrou. Mas, confessa ter “preferência por autores de escrita forte, clara e seca, sem os floreios desnecessários”, posto que “esse excesso de pormenores é o que me incomoda”... como por exemplo, em Machado de Assis, nos entremeios de cuja leitura, encontra Clarice Lispector e descobre novas possibilidades de leitura numa obra intimista e intuitiva... Tendo um fascínio todo especial pelo mundo infantil, Andréia Leite absorve e reflete, na sua poesia, temáticas diversas, pelas quais se interessa, em especial, as inúmeras situações da vida cotidiana.

Participe de concursos literários, a poetisa, que já tem o seu poema *Dor*, publicado na *Antologia de Poemas do 1º. Concurso Cânon Ltda*, lançado na Bienal de Literatura de São Paulo, em 2008, é premiada (2008) pelo Concurso anual da Univima (Universidade Virtual do Maranhão), nas categorias poesia e conto, com o poema *Ele não tem nome, mas não diz* e o conto *O silêncio dela* – em que reflete sobre as investidas do ser humano em sua própria vida, como num mergulhar no íntimo para ir além do aparente.

Em *Ele tem nome, mas não diz*, a autora faz uma crítica aos poemas que considera “pastelões de vento”, poemas de pouca substância, sem alma, numa forma de protesto quanto à mecanização no fazer poético. Trata-se, portanto, de um apelo à presença do espírito e da emoção na Poesia. Vejamos:

Ele tem nome, mas não diz

*Me tragam um poema de carne que é pra eu comer,
um poema com sangue pingando, que me empape os cabelos,
um poema ainda gritando de dor.
Retirado da costela da mulher
transformando o homem em letra e pó.
Ah, um poema berrando feito porco quando vai morrer...
Aquele berro de desespero que se grava na memória e não se vai
e não se esvai.
Um poema que fique, que não morra por qualquer motivo vão!*

*Tirem daqui estes poemas com cheiro de papel A4,
estas gírias trabalhadas não comovem nem um traço
nem os trocadilhos que troca com o asco
mesmo que eu me contradiga (não o diga!)
Ele tem nome, mas não quer dizer!*

*Mas, vejam só, ele existe.
E está entre vocês.
O poema que não sofre rejeição
que não anda por aí de fêche-clair aberto,
que não corta o cabelo aqui perto,
e samba toda sexta no seu domingo,
não me é poema.*

*Quero ver é quem esquece o choro do porco quando vai morrer!
Isso sim daria o mais sofrido dos poema
e conteúdo para toda a poesia!*

No poema em leitura, o elemento *porco* (a retomar flagrantemente do cotidiano vivido na infância da autora, em específico as matanças de porcos por ocasião das festas e/ou feriados, na rua onde morava), representa, segundo ela e para ela, “a sinceridade, a coisa bruta, viva, sem superficialidades: o poema é vida e deve ser degustado com afincos e prazer”... *Me tragam um poema de carne que é pra eu comer*. Ao longo do texto, vai, portanto, objetivando a subjetividade, como quando aponta para a atemporalidade da emoção traduzida nos versos. Os verdadeiros poemas, aqueles que correspondem a uma transposição da alma e de toda emoção que emana do ser... esse tipo de poema não se esvai, não é olvidado, mas fica, para sempre, tocante, na lembrança, em suas marcas indelévels, na sensibilidade humana...

Ainda abordando esse aspecto do fazer poético, recorrendo à metalinguagem, notação que a língua propicia, Andréa Leite Costa escreve *Homens de papel*, em homenagem aos poetas Thiago de Mello e Affonso Romano de Sant'anna, após tê-los conhecido na Feira do Livro de São Luís. Sem métrica definida, composto ao sabor dos versos brancos, seguindo mais a intuição apologizada pela autora, o poema que, por sinal, esteve entre os finalistas da 22ª edição do *Poemará*, (DAC-UFMA), é como uma ode à arte poética, à condição de ser poeta, conferindo ao texto caracteres de

uma identidade/experiência poemática, a sugerir que, no poeta, jovem ou velho, ocorre uma assimilação do cotidiano, que o distancia de qualquer partidarismo, mas numa transparência imparcial, que se vai guarnecendo, em cada nova experimentação, num brilho de *verdade absoluta*. Vejamos:

Homens de Papel (a Thiago de Mello e Affonso Romano de Sant'anna)

*Os poetas são tão jovens,
De uma velhice tão terna,
De uma velhice que não envelhece...*

*Os poetas são tão castos,
Tão moços, tão vastos,
Tão pornôs, tão machos.*

*Esses homens são tão brandos,
Fios de seda, cabelo branco,
São tão lindos em suas caras limpas,
Em suas faces magras.*

*Esses caras têm um caminhar festivo,
Um jeito de quem sempre tem algo a dizer,
E aquele ar de verdade absoluta...*

*Eu os sigo, os poetas,
Os sigo, pra perceber para onde se vão,
Que caminham que tomam, qual é seu percurso,*

*E eu os chamo, vacilo,
Eles se viram, eu me calo...*

E fujo.

No poema a seguir, a temática da condição do homem racional em seu instinto animal. Aprecieemos:

Dor

*De lagarta parva e feia, torno-me borboleta
Trago minhas asas no alvedrio dos céus
Entardece, e a penumbra me aprisiona
Transformo-me, pois, em vaga-lume,
E arrebatado, esbanjo minha luz,
Ao sombrio que antes me reteve.*

*Conforme o sol nasce,
não há mais luz, nem brilho nenhum
abatida, rastejo feito cobra,
Mas meu corpo não é pro mar,
Sou peixe, agora, mas até certo ponto,
O mar é pequeno demais pra minha solidão,
A tristeza torno fúria e viro fera.*

*O gosto de sangue e o cheiro de dor,
Me acalenta a tristeza, se não posso amar,
Restam-me as presas e as garras.*

*A minha violência não me parece bastar,
Torno-me homem, pra não precisar ser.*

Nota-se que o poema leva a refletir sobre a (diríamos) “grande depressão”, experimentada pelo ser humano, na atual conjuntura social, em sua solidão de *ser em si* e *ser com o outro*, no cosmopolitismo individualista dos centros urbanos... a insegurança, os conflitos, os instintos de violência, afloráveis, na rotina das grandes cidades...

HENRIQUETA EVANGELINE

Como diz o professor/escritor Alberico Carneiro Filho (Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante, Ano IV, ed. 117), “[...], ser poeta aos 6 anos de idade é um fato raro ou, no mínimo, uma exceção à regra; porém, às vezes aflora, na mente de uma criança, o precoce dom da poesia. Henriqueta Evangeline é um desses casos singulares, ao estreitar, em 2004, com a publicação de *Castelo da Poesia*, uma coletânea de micropoemas surrealistas e em linguagem *nonsense* que ela tão belamente emoldura com suas próprias ilustrações, demonstrando um outro lado da sua veia artística, em termos de criação, também como poeta, de uma das formas das artes plásticas, a pintura”. Todavia, haveremos de admitir, com velho dito popular, “é de criança que se aprende o ofício”...

Com Henriqueta Evangeline (numa homenagem aos bisavós maternos, Henriqueta e João Evangelista), não foi diferente. A pequena ludovicense, nascida “[...] na alvorada de um domingo de sol e muita festa (09.08.1998, dia de São Benedito, dia do Papai)”, desde cedo, começou a falar os seus poemas, no deslumbramento dos seus primeiros contatos com a palavra, com um mundo em incessantes descobertas... a família, a vizinhança, a rua, os passeios, a escola, as professoras... começando pelo Colméia (quando ainda no Monte Castelo), passando pelo Dom Bosco (Renascença)... quando morava no Residencial Girassol. Hoje, domiciliada no Centro Histórico de São Luís, ela estuda no Santa Tereza (Rua do Egito). Como diz o escritor e jornalista Sergio Brito:

Não como Casimiro de Abreu, cuja vocação poética foi despertada aos oito anos, ao correr pelas campinas, “peito aberto, braços nus,/ atrás das asas ligeiras/ das borboletas azuis”, Henriqueta, em sua solidão de filha única, tem como fonte de inspiração a paisagem urbana da Praia Grande, no centro histórico de São Luís, onde vive e de onde vê árvores, aves, flores e sereias... estas, no mar, que como ela revela, “balança a lancha e o meu coração”. Essa menina, desde a tenra idade, já é uma verdadeira poetisa. (*Castelo da Poesia* – contracapa, 2008)

Como que respirando/transpirando a atmosfera em que se vê envolta, em sua própria casa, cercada de livros por todos os lados – a mãe professora, o pai advogado, os dois sempre às voltas com textos, leituras e escrituras... ela própria já

dispondo da sua biblioteca particular (poesia e contos infantis), em seu quarto de menina – num contato precoce com o livro, encantando-se, sempre mais e mais, na magia da palavra escrita, contada ou cantada, da grafia para a sonoridade e/ou vice-versa, Henriqueta consegue traduzir, em simples palavras, os mais puros sentimentos de criança, tendo como fonte de inspiração os deslumbrantes cenários e ambientes que a bela, a magnífica, São Luís do Maranhão descortina a sua vista: a Beira-Mar, os pores-de-Sol, a natureza circundante, exuberante... as Igrejas onde costuma assistir às missas dominicais, ao lado da família...

Hoje, com 13 anos de idade, a quase menina-moça tem publicado *Castelo da Poesia*, já em três edições, seguidamente ampliadas: a primeira (capa amarela, 17 poemas), comemorativa da sua formatura no Alfabetização (pré-escolar), aos seis anos de idade (2004), por iniciativa da família, em querer celebrar esse momento de encantamento “acústico/imagético” da poetisa-mirim com a Palavra, um mundo em contínuo desvelar-se e revelar-se, ante o seu “olhar-menino”... valorizando esse processo criativo, acolhendo essas suas primeiras intencionalidades poéticas; a segunda (capa verde, 20 poemas), ambas ilustradas com os desenhos infantis da própria autora; a terceira, pela Editora Paulinas (2008), em outro formato, 22 poemas e ilustrações de Ellen Pestile.

A propósito, este excerto do “Prelúdio de Abertura” da primeira e segunda edições de *Castelo da Poesia*:

Com a presente edição, longe, 20 mil léguas submarinas distantes da pretensão de revelar possíveis genialidades precoces, queremos, tão somente, colocar sobre a mesa (não ocultar “debaixo do alqueire”) a poesia de Henriquetinha, para que esta (a poesia) possa iluminar o mundo, demonstrando que as crianças, elas também, sabem poetizar a sua caminhada, cabendo a nós, adultos, oferecer-lhes a chave de abertura desse Castelo Encantado, que é a Poesia. (CORRÊA apud RABELO, 2005, p.3)

É importante ressaltar que o livro contém muito de poesia falada, considerando-se que, à época, a pequena não detinha o poder da escrita. Os textos, pois, iam sendo registrados pelos seus familiares, da maneira como eram proferidos, pela poetisa (a partir dos seus quatro anos de idade, por aí assim), “em suas estranhezas morfossintáticas e semânticas”, o mesmo ocorrendo com a pontuação. Para o professor e escritor Alberico Carneiro Filho (*id.*, *ibid.*)

o que há de especial nos pequenos poemas de Henriqueta Evangeline é a técnica com que ela costura sua emotividade, utilizando-se daquele pretexto que dá às palavras sentido poético, a sutileza, com o que ela surpreende e entenece o leitor, valendo-se do deslance inesperado e inusitado.

Alguns dos poemas de Henriqueta Evangeline:

A palmeira que chora

Chora no meu coração

Poesia falada

*Você quer rimar comigo?
Rimar com palavras,
Todos os dias
Segunda
Terça
Quarta
Quinta
Sexta
Sábado
Domingo...*(RABELO, 2005, p. 4)

Praia Grande

*O mar que não se seca
O mar que não se enche
A vela que não pára de navegar...*

E o amor?

Não sei por que eu não fui com o mar (RABELO, 2005, p. 5)

*Coração
O amor se abre
O castelo não se abre
O desenho é uma história
E a flor não se abre
A rosa que se espinha
E o nunca do amor* (RABELO, 2005, p. 7)

*A imagem do satélite mostra
Nuvens carregadas no Sul e no Nordeste
Sol em Campinas
Mas, à tarde, nuvens isoladas
E à noite mais nuvens isoladas* (RABELO, 2005, p. 18)

*A sereia encanta
O velho marujo
E depois canta
Bela rainha do mar*
(RABELO, 2005, p. 21)

Já senhora de um considerável currículo de participação ativa em eventos culturais (Festivais de cultura e literatura, como o de Poesia Falada-UFMA, Encontro de Letras, Feiras de Livro, Palestras, Lançamento de livros), Henriqueta vive a arte com muita intensidade, incursionando pela Música (aluna da Escola de Música do Ma.), pela dança (*Ballet* Clássico, Capoeira d'Angola), pelas Artes Plásticas... E continua, nas entrelinhas da vida, a produzir suas pequenas jóias poéticas (estas já exalando aromas preadolescentes), que permanecem inéditas, como à espera de um momento propício ou de uma motivação para virem a público. “Talvez quando eu concluir o Ensino Fundamental”... ela diz, evasiva. Bom, aguardemos, visto que a menina ainda vai cursar (2011) o 8º. Ano. Enquanto isso, apreciemos algumas dessas (ine)dicções... como esta: *As palavras têm acento/ As palavras têm sentido/ As palavras/ Pegam fogo/ Incendeiam-se nos parágrafos...// Fim de linha.* E mais:

Insatisfação

*Rogamos, rezamos, choramos
por chuva...
E ela veio, enfim,
causando inundações*

*E aí... rogamos,
rezamos, choramos
por sol...
E ele veio de novo
e ficamos ainda a reclamar...
a quase morrer de calor.*

*Aff! Ninguém se satisfaz...
nem com chuva nem com sol...*

Cotidiano sem sentido

*Escuto a Filosofia do meu professor
numa sintonia esquisita, quase insana
escrevendo as palavras no papel...*

*Os olhos que me fazem ver
são os mesmos que lágrimas fazem escorrer...
que podem até me cegar para nunca mais ver você*

*Sonho que um dia, com a minha voz num tom floral,
Eu possa gritar verdades pelos lugares...
Ninguém entenderá a razão; só eu e o meu coração*

*Um poema esquisito, sem sentido
Uma tarde de domingo, indo para a casa da avó
Uns guarás sobrevoando o rio Anil
Umhas palavras para aliviar a minha dor...*

E andarei, enfim, sobre um chão firme.

Desencanto

*Hoje em dia
quem diria
que os pássaros perderiam
o encanto de seus cantos
matinais?...*

*Qual profeta previria
que as flores morreriam
e com elas levariam
o espírito dos amores
que iriam nascer?...*

Quem acabou

*com aquela macieira
e destruiu o habitat?...*

*Confessemos:
todos nós somos culpados;
avisados tantas vezes
não soubemos escutar...*

Soframos as conseqüências!

Pesquisar, estudar e divulgar a Literatura Maranhense é fundamental, no conhecimento de suas especificidades, na extensão e fecundidade de sua produção. Enfocá-la, no panorama da contemporaneidade atual, mais pertinente ainda, considerando-se a peculiaridade (e por que não dizer a excelência), de uma estética verbal, ainda tão pouco conhecida e divulgada, sobretudo no tocante à autoria feminina. A Poesia aqui leiturizada, pois, vem flagrar, uma tessitura poética cunhada nos signos característicos da expressão feminina, e num considerável teor de literariedade, a caracterizar a nossa literatura de ontem, de hoje, e de sempre...

REFERÊNCIAS

- ADLER, Dilercy. **Genesis – IV Livro**. São Luís: Estação Produções, 2000
- ANDRADE, Mario. **Prefácio interessantíssimo**. In: Paulicéia desvairada. 6ª. ed São Paulo: Martins, 1980.
- ANTOLOGIA POÉTICA. **I Prêmio Literário Canon**. São Paulo: Editora Scortecci, 2008.
- BOSI, Alfredo. **História consisa da literatura brasileira**. 32ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BRASIL, Assis. **A poesia maranhense no século XX (Antologia)**. Rio de Janeiro: Imago; São Luís, 1994.
- CUNHA, Carlos. **Poesia maranhense hoje ou 50 anos de poesia**. São Luís: Mirante, 1987.
- DAMOUS, Laura Amélia. **Cimitarra: poesia**. São Luís: UEMA, 2001.
- FIDDAN, Geane Lima. **Argos da Matéria**. São Luís: edições do Autor, 2006
- PORTELA, Márcio Durans. **Teares da Literatura Maranhense – a Oficina dos Novos**. (Orientador: Dinacy Mendonça Corrêa) In: Relatório Parcial da Pesquisa. UEMA/FAPEMA, 2006
- OLIVEIRA, Rita de Cássia. **(Re)Nascer Mulher**. São Luís, 1983.
- RABELO, Henriqueta Evangeline Feitosa. **Castelo da Poesia**. São Luís: 2005
- RÊGO, Rosemary. **O ergástulo gozo da Palavra**. São Luís, 2004.
- SULEMTO CULTURAL E LITERÁRIO **JP GUESA ERRANTE**